

## ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO [SER + O QUE + V<sub>(ELOCUÇÃO)</sub> + SUJ] EM LÍNGUA PORTUGUESA

### THE ANALYSIS OF THE CONSTRUCTION [SER + O QUE + V<sub>(ELOCUTION)</sub> + SUBJ] IN PORTUGUESE

Ivo da Costa do Rosário<sup>1</sup>  
Myllena Paiva Pinto de Oliveira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, por meio dos postulados teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, buscamos demonstrar que a construção [SER + O QUE + V<sub>(elocução)</sub> + SUJ] integra o esquema conformativo em língua portuguesa. Amparados em uma metodologia qualitativa, selecionamos *tokens* do *Corpus do Português* (NOW), constituído de dados do século XXI. Concluimos, a partir de investigação dos dados do português, que a construção em análise, em sequências textuais informativo-argumentativas, apresenta características do domínio da conformidade. Detectamos também dados ambíguos, em que há evidencialidade e focalização amalgamadas, distinguindo-se do padrão canônico da conformidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conformidade. Evidencialidade. Construção.

**ABSTRACT:** In this paper, through the theoretical postulates of Usage Based Functional Linguistics, we seek to demonstrate that the construction [SER + O QUE + V<sub>(elocution)</sub> + SUBJ] integrates the conformative scheme in Portuguese. Supported by a qualitative methodology, we selected tokens from the *Corpus do Português* (NOW), which consists of data from the 21st century. We conclude, from the investigation of Portuguese data, that the construction under analysis, in informative-argumentative textual sequences, presents characteristics of the conformity domain. We also detected ambiguous data, in which there are amalgamated evidentiality and focalization, different from the canonical standard of conformity.

**KEYWORDS:** Conformity. Evidentiality. Construction.

#### Considerações iniciais

Nos termos de Oliveira (2018), a conformidade em língua portuguesa pode ser instanciada em diversos níveis morfossintáticos (intraoracional, interoracional e supraoracional). Nas gramáticas normativas do português, contudo, as informações sobre o tema são bastante lacônicas. Geralmente, há apenas uma curta seção dedicada às chamadas orações subordinadas adverbiais conformativas (ROCHA LIMA, 1972; BECHARA, 2009). Em

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras, Universidade Federal Fluminense, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ). E-mail: [ivorosario@id.uff.br](mailto:ivorosario@id.uff.br).

<sup>2</sup> Mestre e Doutoranda em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense. E-mail: [myllenaivap@gmail.com](mailto:myllenaivap@gmail.com).

alguns casos mais raros, esse tema é brevemente referenciado no tratamento das chamadas "preposições atípicas" *segundo e conforme* (cf. NEVES, 2011).

Outros autores, porém, seguem linha diversa, ao adotar uma visão mais ampla do tema e ao mencionar estruturas não canônicas como instanciadoras de conformidade. Raposo *et al.* (2013), por exemplo, asseveram que um determinado tipo das orações relativas pode desempenhar função semelhante à de uma conformativa. Eles demonstram que construções conformativas podem servir de comentário, sendo responsáveis por envolver “epistemicamente o falante ou o ouvinte” em relação ao conteúdo a elas conexo.<sup>3</sup> Nas palavras dos autores portugueses,

As orações conformativas têm pontos em comum com as orações relativas de frases [...]. Em ambos os casos, a oração subordinada retoma a situação descrita na principal, quer sob forma de constituinte relativo *o que*, no caso das orações relativas [...], quer sob forma de um conector (*como* ou *conforme*), no caso das orações conformativas. (RAPOSO *et al.*, 2013, p. 2028).

Para ilustrar o que afirmam, os autores oferecem os seguintes exemplos: “O João teve a melhor nota da turma, *o que era esperado*”; “*Como era esperado*, o João teve a melhor nota da turma”. De fato, podemos notar nesses exemplos que as funções semântico-pragmáticas em ambas as estruturas em itálico são equivalentes, visto que representam um comentário da oração matriz, retomando ou projetando seu conteúdo.

Devemos asseverar, desde já, que consideramos “construção conformativa” toda a porção textual que é introduzida pelos conectores, o que pode abranger as seguintes possibilidades: uma oração absoluta; um período composto; dois períodos (simples ou compostos), quando a conexão se dá no nível supraoracional. Ao trabalhar com o conceito de *construção* (como pareamento de forma de significado convencionalizados), alinhamo-nos à visão preconizada por Goldberg (1995) e Traugott e Trousdale (2013), o que abrange tanto unidades simples como unidades complexas, tais como orações e períodos compostos ou complexos.

A investigação dos vários meios de expressão da conformidade permite a elaboração da sua chamada rede construcional, nos termos de Traugott e Trousdale (2013). No âmbito dessa rede, detectamos a presença de conectores canônicos, como *segundo*, *conforme*, *como*<sup>4</sup>, e outros não canônicos, como *pelo que* (SANTOS, 2018), *que nem* (VIEIRA; SOUSA, 2019), *para* (no

---

<sup>3</sup> Segundo Raposo *et al.* (2013, p. 2028), “o valor epistêmico diz respeito às atitudes de crença e conhecimento dos interlocutores relativamente ao que é dito”.

<sup>4</sup> Apesar de os gramáticos tradicionais mencionarem o conector *consoante* como introdutor de construções conformativas, até o momento, a partir da pesquisa baseada em vastos *corpora*, não encontramos *tokens* em que esse conector estivesse presente, fazendo-nos considerá-lo um termo em obsolescência (OLIVEIRA, 2018).

sentido de “na opinião de”), *baseado em* (na indicação de fonte da informação) e *ser + o que* (seguido de verbo de elocução).

A abordagem apresentada por Raposo *et al.* (2013), no tocante às construções conformativas, serviu como ponto de partida para a investigação da construção [SER + O QUE + V<sub>(elocução)</sub> + SUJ] neste artigo, justamente devido à sua não prototipicidade, alta complexidade e semelhança formal com outras construções da língua portuguesa. Esses pontos fazem com que esse objeto desperte ainda mais o nosso interesse investigativo.

Essa construção, doravante denominada CCVE (construção conformativa com verbo de elocução), é parcialmente preenchida, composta de verbo *ser* flexionado (3ª pessoa do singular), seguido da expressão "*o que*", acompanhada de um verbo de elocução com sujeito posposto. Nossa hipótese é que essa construção tenha função conformativa em contextos específicos. Vejamos um dado ilustrativo:

(01) Essas empresas crescem a cada dia por oferecer os mesmos serviços que as instituições financeiras tradicionais, sem necessidade de comparecimento a espaços físicos e, muitas vezes, sem tarifas e com taxas mais claras e baratas. E o consumidor de serviços bancários quer facilidade. [*É o que comprova a recente pesquisa da Federação Brasileira de Bancos (Febraban): seis em cada dez transações bancárias já são realizadas por o celular ou pelo computador no país, dado o volume de serviços disponíveis por as plataformas móveis*]. Fonte: <https://www.otempo.com.br/economia/fintechs-ameacam-hegemonia-de-bancos-fisicos-tradicionais-1.2202660>. Acesso em 04/11/2021.

Em (01), a CCVE está inserida em uma sequência informativo-argumentativa. Trata-se de um trecho de uma reportagem sobre *fintechs*. Detecta-se aí uma série de assertivas, que termina com “E o consumidor de serviços bancários quer facilidade”, seguida de uma proposição por meio da qual se indica a fonte da informação: “É o que comprova a recente pesquisa da Federação Brasileira de Bancos...”. Essa proposição é veiculada por meio de uma CCVE: [SER + O QUE + V<sub>ELOC</sub> + SUJ]. Essa construção poderia ser convenientemente parafraseada por “Conforme comprova a recente pesquisa da Federação Brasileira de Bancos...”, sem significativo prejuízo semântico. Afinal, a noção de conformidade estaria preservada em ambas as “versões” do mesmo excerto.

Em termos metodológicos, desenvolvemos aqui um estudo mormente qualitativo, com base no *Corpus do Português*<sup>5</sup>, atendo-nos à sua interface mais recente (NOW – *News on the Web*), justamente porque queremos flagrar *tokens* da sincronia do português atual. Vale destacar que não fazemos distinção entre as variedades da língua portuguesa neste trabalho.

<sup>5</sup> <https://www.corpusdoportugues.org/>

Como arcabouço teórico, adotamos a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), reconhecida como a vertente mais atual do Funcionalismo norte-americano, associada a alguns pressupostos da Linguística Cognitiva e, sobretudo, a conceitos da Gramática de Construções. Por esse motivo, nossos dados não partem da nossa intuição, mas são oriundos de contextos reais de uso, na medida em que, segundo a LFCU, “uso, processamento cognitivo e mudança linguística são articulados, a fim de fornecer explicações a respeito de propriedades observadas das estruturas linguísticas” (BYBEE, 2016, p. 18). Por se tratar de uma pesquisa eminentemente de base sincrônica, adotamos o conceito de construcionalidade, nos termos de Rosário e Lopes (2019), como será explicitado adiante, em mais detalhes.

Feitas essas breves considerações iniciais, com o objetivo de contextualizar a pesquisa e de destacar a sua relevância, passamos à estruturação deste trabalho, que está organizado em cinco seções. Na seção I, brevemente explicamos alguns pontos importantes do arcabouço teórico-metodológico adotado. Na seção II, tecemos comentários sobre o conceito de conformidade adotado neste artigo, a partir do estabelecimento de uma distinção entre conformidade evidencial (nosso foco) e conformidade circunstancial. Dedicamos a terceira seção à definição de (pseudo)clivagem, com o objetivo de apontarmos traços formais e funcionais entre construções (pseudo)clivadas e a CCVE. A discussão dos dados é apresentada na seção IV. Por fim, tecemos algumas considerações finais.

### **Perspectiva teórico-metodológica**

Para esta pesquisa, adotamos como arcabouço teórico-metodológico a Linguística Funcional Centrada no Uso (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2016; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Como já indicado anteriormente, a LFCU parte de postulados clássicos do Funcionalismo de vertente norte-americana, aliando-se aos recentes desdobramentos da Linguística Cognitiva e da Gramática de Construções Baseada no Uso.

Entre os conceitos mais importantes da LFCU está o de construção. *Grosso modo*, construção está associada a um pareamento convencionalizado de forma e função. Croft (2001) refina esse conceito ao defender que a forma conjuga propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas. A função (ou o significado), por sua vez, agrega propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais.

Tanto Traugott e Trousdale (2013) quanto Croft (2001) concordam com a ideia de que construções constituem os blocos que constroem a gramática de uma língua. Esses blocos organizam-se hipoteticamente por meio de diferentes nós e *links*, de natureza dinâmica, uma

vez que se moldam ao longo do tempo para cumprir novas necessidades comunicativas dos falantes.

As construções podem ser totalmente substantivas ou preenchidas (como é o caso, por exemplo, dos conectores *como*, *segundo*, *conforme* etc.) ou totalmente esquemáticas (como é a construção bitransitiva, formada por *slots* abertos: SUJ + V + OD + OI). Além desses dois tipos, há uma série de construções parcialmente esquemáticas, dispendo de posições fechadas e abertas, como é o caso da CCVE: [SER + O QUE + V<sub>ELOC</sub> + SUJ]. As duas primeiras posições são preenchidas, destacando-se que a primeira é passível de flexão, ao passo que as duas últimas são abertas, visto que V<sub>ELOC</sub> e SUJ podem ser preenchidos respectivamente por meio de uma variedade de verbos de elocução e de sujeitos distintos.

No plano da mudança linguística, Traugott e Trousdale (2013) estabelecem uma importante distinção entre *construcionalização* e *mudança construcional*. No último, haveria mudança em apenas um dos polos da construção, ou na forma ou no significado. Por sua vez, construcionalização envolve criação de novos nós ou construções inaugurais. Assim, as construções, após micropassos de mudança, o que pode incluir processos cognitivos diversos, como *chunking*<sup>6</sup>, por exemplo, são realocadas em um novo esquema, constituindo, dessa forma, um novo nó na língua, o que também se dá por meio de neoanálises<sup>7</sup>. O fenômeno da construcionalização está associado a aumento de esquematicidade<sup>8</sup> e produtividade<sup>9</sup> e diminuição da composicionalidade.<sup>10</sup>

A agenda de estudos construcionistas em língua portuguesa voltados para a mudança linguística é profícua. Em razão disso, a pesquisa diacrônica é frequente nos estudos na

---

<sup>6</sup> O *chunking* é um processo que gera unidades complexas de organização a partir de partes singulares. Por meio desse processo, geram-se *chunks*: sequências de unidades embaladas como unidades de sentido. (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016)

<sup>7</sup> Neoanálise é o mecanismo que consiste em uma nova interpretação para uma forma já existente, o que normalmente ocorre por meio da negociação de sentidos. Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 36), o termo *neoanálise* é preferível a *reanálise*.

<sup>8</sup> A *esquematicidade* diz respeito ao nível de abstração das construções, tendo em vista que esses pareamentos simbólicos podem ser abstratos ou específicos (além de pontos intermediários). A organização esquemática das construções tem sido representada por meio de uma hierarquia comumente composta de três níveis: esquemas > subesquemas > microconstruções. Os constructos, por sua vez, são os *tokens* ou dados empiricamente comprovados no uso (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016)

<sup>9</sup> A *produtividade* diz respeito à extensibilidade da construção, associada a sanções e restrições. O levantamento de frequência *type* e *token* também é importante nesse aspecto. (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016)

<sup>10</sup> *Composicionalidade* diz respeito ao grau de transparência entre forma e significado das construções. Pode ser de natureza sintática ou semântica. Segundo Rosário e Oliveira (2016, p. 246), “*composicionalidade semântica* diz respeito à soma dos significados das partes. Assumimos que uma construção é mais composicional em termos semânticos quando o significado das partes ainda é recuperado no significado do todo. *Composicionalidade sintática*, por sua vez, diz respeito ao nível de integridade morfossintática das subpartes, no sentido de que quanto mais composicional, mais essas subpartes retêm as propriedades gramaticais de sua categoria fonte”.

perspectiva da LFCU, pois é a pesquisa histórica que fornece os dados concretos para a comprovação da mudança linguística. Contudo, Rosário e Lopes (2019, p. 84) argumentam que, assim como é possível postular uma gramaticalização sincrônica (já fortemente consolidada na literatura da área), também é plausível pensar em *construcionalização sincrônica* porque

se mecanismos cognitivos (neuromotores e perceptuais) atribuídos ao ser humano são os mesmos em todas as culturas (cf. BYBEE, 2010), então os mecanismos que operam na mudança diacrônica também atuam nas diversas atividades em que os falantes se inserem em um dado recorte sincrônico.

Os autores destacam que, mesmo a partir de estudos sincrônicos, seria possível observar as camadas de uma determinada língua, por meio das evidências dos mecanismos de variação e de gradiência. Afinal, para que haja mudança na língua, o uso original de uma determinada construção não precisa necessariamente desaparecer, mas pode coocorrer com outros novos usos. Em outras palavras, em um mesmo recorte sincrônico, convivem usos mais antigos e concretos ao lado de usos mais recentes e abstratos. O estado atual de uma língua é sempre um mosaico de estabilidade e de conservação junto a instabilidades e inovações.

Seria possível, portanto, analisar a mudança linguística em perspectiva construcional de um ponto de vista sincrônico. Levando em consideração o conceito de gradiência, resultado sincrônico de sucessivos micropassos de mudança, Rosário e Lopes (2019, p. 10) consubstanciam essa ideia por meio do conceito de construcionalidade – “relação sincrônica estabelecida entre construções, de tal sorte que (i) duas construções A e B apresentam horizontalmente algum grau de parentesco, ou (ii) uma construção menos esquemática pode ser associada verticalmente a uma ou mais construções de natureza esquemática”.

A pesquisa, à luz da LFCU, exige uma análise com base em dados reais da língua, tendo em vista que, de acordo com seus pressupostos teóricos, o sistema linguístico se conforma no uso, por ação de fatores não apenas linguísticos, mas também cognitivos e sociocomunicativos. Nesta pesquisa, utilizamos o *Corpus do Português NOW*, que conta com aproximadamente 1,4 bilhão de palavras oriundas de jornais e revistas disponíveis na internet entre os anos de 2012 e 2019. Com base nesse material, realizamos uma análise sincrônica, com foco no português<sup>11</sup> contemporâneo (século XXI).

Na seção de busca do referido *corpus*, inserimos o verbo *ser* na terceira pessoa do singular em todos os tempos verbais do modo indicativo, seguido de “o que”. Buscamos apenas

---

<sup>11</sup> Em termos metodológicos, reiteramos que este trabalho não estabelece distinção entre as variedades do português.

os verbos flexionados na terceira pessoa do singular porque entendemos que o referente do verbo *ser* é toda a informação contida na unidade informacional anterior. Não consideramos pesquisar os verbos no modo subjuntivo porque Oliveira (2018) argumenta que as construções conformativas não são recrutadas em contextos dubitativos ou hipotéticos, seara dos tempos desse modo verbal.

Fizemos um recorte concentrado nas primeiras 50 ocorrências resultantes da busca eletrônica para cada tempo verbal, e o principal critério de seleção para análise foi a presença de verbo de elocução, sobretudo com sujeito posposto – característica marcante de construções conformativas oracionais prototípicas. Desse grupo, destacamos os *tokens* que instanciavam conformidade evidencial<sup>12</sup>.

Procedemos a uma análise essencialmente qualitativa, tomando como base a relação entre o pesquisador, na condição de usuário da língua, e o objeto analisado (BRYMAN, 1998; LACERDA, 2016). A principal vantagem desse tipo de pesquisa, apesar de não propiciar a análise de uma quantidade vultosa de dados, é justamente a observação e a interpretação de cada dado, o que permite a descrição minuciosa do fenômeno.

Com base na observação dos *tokens* detectados no *corpus*, pelo método indutivo, podemos sugerir generalizações relacionadas ao objeto em língua portuguesa. Considerando o recorte já explicitado, no presente do indicativo, detectamos 11 dados, além de 3 dados no pretérito perfeito e 3 dados no pretérito imperfeito. Não encontramos nenhuma ocorrência, com função conformativa evidencial, nos tempos futuros do indicativo.

Feitas essas considerações de cunho teórico-metodológico, vejamos como a literatura nos apresenta a noção de conformidade.

### **Breve Comentário sobre a Conformidade**

Compreendemos a conformidade como um domínio funcional (TEIXEIRA; ROSÁRIO, 2016), ou seja, como uma grande área semântica capaz de abrigar muitas construções linguísticas aparentadas pelo sentido. É muito comum que haja sobreposições nos domínios funcionais, justamente devido à sua complexidade. Nesse sentido, a conformidade faz fronteira com outros domínios, como os da comparação, do modo e da proporção. Entre esses domínios há relações gradientes, o que nos faz romper com visões categóricas.

---

<sup>12</sup> Conforme se apresentará na seção seguinte, entendemos *conformidade evidencial* (ou *linguística*) como aquela em se estabelece a identidade de eventos/ideias a partir de distintos atos de fala.

Diante dessa realidade empírica, Kortmann (1997), por exemplo, insere a noção de conformidade dentro do espectro semântico-pragmático da modalidade. Azeredo (2007), por sua vez, abriga a noção conformativa dentro da categoria de comparação. Castilho (2010) também reforça essa aproximação entre domínios.

Por meio da revisão bibliográfica, é possível notar, em algumas gramáticas, exemplos que não deveriam ser considerados centrais na dita categoria das orações subordinadas adverbiais conformativas, por revelarem traços desses outros domínios (cf. OLIVEIRA, 2018). Vejamos um caso oferecido por Azeredo (2007): “Como (ou *conforme*) costuma ocorrer com as celebridades genuinamente inimitáveis, Zózimo Barroso do Amaral acabou copiado no Brasil inteiro por colunistas sociais. (M Sá Corrêa, *Veja*, 26.11.97)”. Esse exemplo está instanciado pelo conector *como*, essencialmente polifuncional e contextualmente dependente.

Para Azeredo (2007), o conector *como* tem função conformativa quando estabelece ligação entre orações em que uma confirma o conteúdo da outra. O autor assume a possibilidade de substituir o conector conformativo por *conforme*, devido à sua transparência. Contudo, apesar de uma notável sobreposição de funções, no exemplo, a função comparativa é saliente. Argumentamos que o verbo *ocorrer*, nesse caso, funciona como um encapsulador, englobando um evento omitido porque está disponível na oração matriz (celebridades são copiadas). Vale destacar que esses detalhes, como o tipo de verbo presente na oração, comumente são desconsiderados na análise tradicional dos fatos da língua.

Mateus *et al.* (2003) também apresentam exemplos que ajudam a comprovar que os dados, em muitos casos, espelham funções sobrepostas, como se verifica a seguir: a) “A decoradora arranjou a sala *conforme lhe recomendaram*.”; b) “*Conforme lhe recomendaram*, a decoradora arranjou a sala.” Em (a), as autoras demonstram que a porção em destaque recai sobre o verbo *arranjar*, proporcionando uma leitura mais modal. Assim, de que modo a sala foi arranjada? Foi arranjada conforme a recomendação que receberam. Por outro lado, em (b), existe maior possibilidade de leitura conformativa, na medida em que o trecho em itálico tem como escopo toda a oração matriz. A anteposição da oração introduzida por *conforme* veicula a ideia de que a decoradora arranjou a sala em conformidade com o que lhe foi recomendado. A diferença é tênue, está associada à posição das orações e é devida a fatores como pontuação/prosódia e posição das orações. Entretanto, tudo isso fica escamoteado em perspectivas mais tradicionais, centradas demasiadamente no item conjuncional (no caso, em *conforme*). Em outras palavras, em compêndios normativistas, ambos os casos seriam tomados



como exemplos de orações subordinadas adverbiais conformativas, sem as nuances que aqui apresentamos.

Fernandes (2017), em estudo sobre construções proporcionais, mostra que a conformidade toca o domínio da proporção, sobretudo quando se trata do conector *conforme*. Oliveira (2018) mostra *tokens* que podem evidenciar essa relação. Vejamos um caso:

(02) Os recursos compulsórios são arrecadados pelo Ministério da Previdência Social, nas guias do INSS, [*conforme cada legislação determina*]. Cada indústria ou empresa do comércio, para ficar nos exemplos das instituições ligadas à Confederação Nacional da Indústria (CNI) e Confederação Nacional do Comércio (CNC), paga em torno de 2,5% de contribuição sobre a folha de pagamento. Fonte: [Revista Poli, n. 3, 2009, p. 9], disponível em [https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/revista\\_poli\\_-\\_3.pdf](https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/revista_poli_-_3.pdf). Acesso em 04/11/2021.

Oliveira (2018) argumenta que, em (02), um evento induz o outro, corroborando a ideia de Barreto (1999) e Silva (2011) sobre a função indutora das construções conformativas. No dado, em cada legislação está expresso o valor percentual de contribuição de indústrias e empresas. Em outras palavras, o valor seria *proporcional* ao que está determinado em cada legislação. Argumentamos, assim, que a noção de proporcionalidade pode ser um refinamento "quantitativo" da ideia de conformidade, uma vez que a proporcionalidade mobiliza sempre a comparação de duas grandezas.

Em razão da possibilidade dessas sobreposições, dos limites tênues entre domínios, é preciso recortar o objeto. Temos, portanto, definido a conformidade de duas maneiras distintas: de um lado, conformidade linguística (ou evidencial); de outro, conformidade não linguística (ou circunstancial).

Entendemos por conformidade linguística (ou evidencial) aquela em se estabelece a identidade de eventos/ideias a partir de distintos atos de fala. Esses casos são detectados nos constructos formados, principalmente, por verbos de elocução, que recrutam outro ato comunicativo, ou verbos de percepção metaforicamente utilizados como representantes de uma ideia/fala/pensamento, como o exemplo a seguir:

(03) Esse método de alfabetização foi substituído pelo Mobral, que é uma técnica desidratada. Trabalhava-se com palavras geradoras, [*como Paulo Freire propunha*], mas eram palavras que não davam margem a discussões muito elucidativas. Fonte: [Revista Poli, n. 2, 2008, p. 17], disponível em [https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/revista\\_poli\\_-\\_2.pdf](https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/revista_poli_-_2.pdf). Acesso em 04/11/2021.

O trecho em destaque (“como Paulo Freire propunha”) ajuda a explicar o valor da expressão mencionada anteriormente (“palavras geradoras”), além de informar a origem da expressão. Apesar de ter um escopo focal, não é um caso modal, mas tipicamente conformativo, em razão sobretudo do contexto<sup>13</sup> e do cotexto<sup>14</sup> em que está inserido. A conformidade em casos dessa natureza é evidencial.

Conformidade não linguística (ou circunstancial), por outro lado, está associada à identidade entre eventos do mundo biofísico-social. Luft (2000) mostra um exemplo que ajuda a identificar esse tipo de conformidade: “*Conforme é o pássaro, assim é o ninho*”. Nesse caso, existe uma relação de causalidade entre os eventos. Depreendemos uma relação de implicação entre o trecho em itálico e a informação presente na oração matriz. Podemos perceber que para cada tipo de pássaro existe um tipo de ninho; pássaro e ninho estão atrelados de modo que um esteja em conformidade com o outro. Não há, em casos como esse, identidade entre atos comunicativos, mas entre entidades do mundo externo, extralinguístico, biofísico. A conformidade aqui é circunstancial. Com base nesse tipo de ocorrência, postulamos que podem surgir usos ambíguos, o que faz com que os domínios modo, comparação, proporção se aproximem da conformidade.

Por necessidade de recorte, definimos que está em foco neste artigo a *construção conformativa linguística* do tipo evidencial. Estamos interessados especificamente em demonstrar que a CCVE integra o esquema conformativo. Entre suas funções, destacamos a de indicar fonte de informação, atribuir autoridade ou expressar evidencialidade de alguma proposição contígua, como observaremos nos dados a seguir.

Antes de encerrarmos esta seção, chama a nossa atenção uma parte da configuração morfossintática da CCVE. Estamos nos referindo às subpartes “SER + o que”, presentes em construções clivadas ou aparentadas. Por esse motivo, na seção seguinte, faremos uma breve inserção nesse tópico.

### **Notas sobre a (pseudo)clivagem**

O objetivo deste artigo não é dar ênfase à construção (pseudo)clivada em si. Contudo, consideramos importante caracterizá-la brevemente, tendo em vista que a CCVE apresenta

---

<sup>13</sup> De acordo com Martelotta (2011), os contextos extralinguísticos, as situações de comunicação, elementos semânticos, pragmáticos e discursivos são caros aos estudos linguísticos.

<sup>14</sup> Cotexto se define pelas “relações intratextuais – aspectos diretamente ligados à materialidade linguística, mas que ultrapassam o nível da sentença. A noção de cotexto envolve um *cline*.” (SPERANÇA-CRISCUOLO, 2014, p. 24).

semelhanças marcantes com esse tipo de construção. No Brasil, com relação à clivagem, em perspectiva funcionalista, destacam-se os trabalhos desenvolvidos por Braga (2009), Braga, Oliveira e Barbosa (2013) e Oliveira (2019). De acordo com Braga, Oliveira e Barbosa (2013, p. 30-31), clivagem é

uma estrutura complexa formada por duas orações, uma das quais introduzida por um pronome relativo ou palavra *QU* e a outra apresentando o verbo *ser*. A esta estrutura bioracional corresponde uma proposição que poderia ter sido expressa por uma oração simples equivalente, isto é, desprovida da palavra *QU* e verbo *ser*.

Os autores, nesse trecho, evidenciam a parte estrutural da construção clivada, com destaque para sua composição e complexidade. Do ponto de vista semântico-pragmático, argumentam que, desde os estudos seminais sobre o assunto, já se atribuíam à construção clivada uma *função focalizadora*. De fato, as construções clivadas sempre envolvem verbo copular, questões relacionadas a foco e contraste, além de ter caráter bioracional (BRAGA, 2009).

A focalização pode acontecer em diversas categorias morfossintáticas. Vejamos os tipos de clivagem detectados pelos autores e seus respectivos exemplos (BRAGA; OLIVEIRA & BARBOSA, 2013, p. 33-34):

**Quadro 1** - Tipos, configuração e exemplos de construções clivadas em português

<i>Tipos</i>	<i>Elementos</i>	<i>Exemplos</i>
Construção pseudoclivada	Quem/ O que + Oração sem constituinte clivado + Verbo Ser + Constituinte clivado	Quem / estava com a chave / era / o jardineiro.
Construção pseudoclivada invertida	Constituinte clivado + Verbo Ser + O que/Quem + Oração sem constituinte clivado	Esse padre / foi / quem / deixou o colégio para a ordem.
Construção pseudoclivada extraposta	Verbo Ser + Constituinte clivado + Quem/O que + Sintagma verbal	É / ele mesmo / quem / declama.
Construção Foco Ser	Oração sem constituinte clivado + Verbo Ser + Constituinte clivado	Todo homem que está ficando velho quer / é / jogar.
Construção clivada canônica	Verbo Ser + Constituinte clivado + Que + Oração sem constituinte clivado	Fui / eu / que / escrevi.
Construção Ser Que	Constituinte clivado + Verbo Ser + Que + Oração sem constituinte clivado	Eles / é / que / uma vez implicaram comigo.
Construção Que	Constituinte clivado + Que + Oração sem constituinte clivado	Eles / que / enrolaram.
Construção Ser... Ser Que	Verbo Ser + Constituinte clivado + Verbo Ser + Que + Oração sem constituinte clivado	É / o homem / é / que / faz ele violento, né?

Fonte: elaboração própria, com base em Braga, Oliveira e Barbosa (2013).

Para Braga, Oliveira e Barbosa (2013), as pseudoclivadas têm as seguintes características em comum: elementos morfossintáticos focalizados, traços semântico-pragmáticos dos elementos focalizados e correlação modo-temporal. Os autores explicam, ainda, que esse tipo de clivada pode recair sobre objetos diretos e circunstanciais.

Chama nossa atenção a semelhança entre a CCVE e as *pseudoclivadas extrapostas*, em destaque no Quadro 1. Afinal, ambas se iniciam com o verbo *ser*, seguido de “o que/quem” e de um sintagma verbal. Utilizando um exemplo simples baseado na experiência do pesquisador com a língua, apenas para ilustrar e aproximar as construções, comparamos, a seguir, ambas as estruturas. Na primeira linha reproduzimos uma pseudoclivada extraposta listada por Braga, Oliveira e Barbosa (2013). Doravante, essa construção será indicada como CPE (*construção pseudoclivada extraposta*). Na segunda linha, apresentamos uma CCVE com certa correspondência estrutural, se comparada à CPE:

**Quadro 2** – Comparação entre CCVE e CPE

	UNIDADE INFORMACIONAL ANTERIOR	VERBO <i>SER</i>	CONSTITUINTE FOCALIZADO	O QUE / QUEM	SINTAGMA VERBAL	SUJEITO POSPOSTO
CCVE	X	É	-	o que	afirma	Y
CPE	-	É	ele mesmo	quem	declama.	-

Fonte: elaboração própria.

Como vamos demonstrar na seção de análise de dados, o elemento supostamente focalizado na CCVE não está na própria construção em si, mas na oração anterior, em outro período. Assim, a CCVE “É o que afirma Y” retoma anaforicamente alguma informação já expressa no discurso (representada no quadro por X). Por sua vez, o elemento Y representa o sujeito posposto, que é sua posição frequente nas sentenças com verbos de elocução (MARQUES; CEZARIO, 2015) e, conseqüentemente, nas construções conformativas evidenciais (cf. OLIVEIRA, 2018).

Argumentamos que a ausência do constituinte clivado no interior da CCVE impacta seu polo funcional. A falta do material interveniente entre o verbo *ser* e “o que” permite a aproximação desses elementos, provocando alteração no polo formal da construção por meio neoanálise. Daí que esses elementos, agora mais amalgamados, menos analisáveis, não funcionam exclusivamente como subpartes de uma construção clivada, mas adquirem função conformativa evidencial. Na CCVE, verifica-se que há um verbo de elocução seguido de sujeito posposto (simbolizado por Y), indicando fonte da informação.

O arranjo [SER + O QUE + V<sub>(elocução)</sub> + SUJ], mais vinculado em suas partes, por sua vez, faz a retomada da unidade informacional anterior, como é comum nas conformativas evidenciais em geral.

A CPE, de outro modo, apresenta o constituinte focalizado dentro de sua própria estrutura ("ele mesmo", como demonstrado no exemplo do Quadro 2). Além disso, não apresenta sujeito posposto. Por fim, não cumpre o mesmo papel de retomar unidades informacionais anteriores, como o faz a CCVE. Logo, apesar de algumas semelhanças, CCVE e CPE são distintas tanto em termos formais quanto funcionais, ressalvada a possibilidade de sobreposição entre ambas, como veremos na seção seguinte.

### **Análise de Dados**

Conforme já dissemos, utilizamos o *Corpus do Português* como base para o mapeamento dos dados de análise. Chegamos a 17 constructos: 11 *tokens* com o verbo no presente do indicativo, 3 *tokens* no pretérito perfeito do indicativo e 3 *tokens* no pretérito imperfeito do indicativo.

Essa maior produtividade do presente do indicativo em CCVE reforça os achados de Tavares (1997) sobre o domínio jornalístico. A sequência expositivo-argumentativo é o contexto das construções conformativas evidenciais, como também é o *locus* preferencial da CCVE. Devemos recordar que o presente do indicativo expressa verossimilhança e factualidade, o que se compatibiliza com a noção de conformidade evidencial.

Os *tokens* que se seguem servem de exemplo para nossa análise qualitativa. Vejamos:

(04) No caso dos bombeiros catarinenses, a ajuda dos drones se reflete em todas as frentes de trabalho. [É o que explica o tenente Pedro Reis, um dos pioneiros do uso da ferramenta na corporação]. “Os drones auxiliam na gestão de um evento ou ocorrência. (...)”. Fonte: <https://www.sc.gov.br/noticias/temas/ciencia-e-tecnologia/drones-permitem-economia-e-melhoria-nos-servicos-do-governo-de-santa-catarina>. Acesso em 04/11/2021.

A CCVE está sublinhada no dado (04). O verbo *ser* está no presente do indicativo. O verbo de elocução *explicar*, também no presente do indicativo, está seguido de um sujeito posposto, que preenche o *slot* verbal da construção. A CCVE não apenas retoma a assertiva anterior, encapsulada em “o”, como também prepara o interlocutor para a citação seguinte. A validação da informação (“No caso dos bombeiros catarinenses, a ajuda dos drones...”) se dá em virtude da inserção de sua fonte, ou seja, o ato de fala do tenente Pedro Reis, cuja

caracterização chancela a sua confiabilidade (“um dos pioneiros do uso da ferramenta na corporação”).

Percebemos, por meio do dado (05), a seguir, que a correspondência entre o tempo dos verbos *ser* e de elocução não é condição *sine qua non* para a instanciação da conformidade evidencial. Essa característica reforça que não estamos diante de uma construção clivada focalizadora simples, tendo em vista que a CPE apresentaria correlação de tempo verbal entre a oração clivada e a não clivada:

(05) O Flamengo vai insistir na tentativa de contratar o atacante Pedro, do Fluminense. [É o que afirmou o vice-presidente de futebol do clube, Marcos Braz, em entrevista ao canal Fox Sports, realizada no sábado, após a vitória por 3 a 1 no jogo-treino contra o Madureira]. O duelo, que aconteceu na Gávea e com portões abertos para a torcida, foi o primeiro da equipe desde que o técnico português Jorge Jesus assumiu o comando. Fonte: [https://www.espn.com.br/futebol/artigo/\\_id/5788121/flamengo-fara-segunda-proposta-por-pedro-diz-marcos-braz](https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/5788121/flamengo-fara-segunda-proposta-por-pedro-diz-marcos-braz). Acesso em 04/11/2021

O *token* (05) ilustra claramente uma CCVE. O verbo SER está no presente do indicativo, mas está seguido de um verbo no pretérito perfeito do indicativo (*afirmou*). Diferentemente do dado (04), neste aqui, o segundo ato de fala, que aponta a fonte da informação, ocorreu em tempo anterior, em outro veículo de comunicação (canal Fox Sports). Observamos ainda a ocorrência do verbo de elocução (*afirmar*) com sujeito posposto. A construção, seguindo sua função conformativa evidencial, se constitui como comentário acerca da informação presente no período anterior (“O Flamengo vai insistir na tentativa de contratar...”). Portanto, a focalização não ocorre, como acontece normalmente com as clivadas, no mesmo período, mas pelo estabelecimento de uma conexão supraoracional.

O próximo dado (06) contém verbo no pretérito imperfeito:

(06) E Jesus conclui que é assim no céu sempre que um PECADOR se converte. Ao fundo da cena estão noventa e nove JUSTOS que não precisam de conversão. [Era o que pensavam os escribas e fariseus, e nós tantas vezes também!] A ovelha ou um de nós que se perde, perde-se porque volta as costas a Deus. Fonte: <https://www.imissio.net/artigos/51/2553/domingo-iv-da-quaresma-quando-deus-sai-ao-nosso-encontro/>. Acesso em 04/11/2021

O *token* (06) está inserido em um trecho narrativo-argumentativo. A origem, fonte da proposição/pensamento (“noventa e nove justos não precisam de conversão”), está presente na construção sublinhada. Trata-se de uma CCVE canônica, à semelhança de (01), (04) e (05). No constructo, assim como ocorreu nos dados já citados, há comentário sobre parte da oração anterior. Há, contudo, uma particularidade: trata-se de uma conformidade *focal*, porque não

abarcando inteiramente o período anterior. Oliveira (2018) demonstrou que construções conformativas com escopo focal são mais difíceis de serem apreendidas porque exigem do interlocutor um conhecimento prévio sobre o assunto que o contexto não fornece. No *token* (06), é preciso conhecer a relação entre fariseus e necessidade de conversão para entender que a construção sublinhada não está conectada com todo o trecho anterior, mas apenas a uma parte.

Esse tipo de conformidade exemplifica, de certo modo, o que Mann e Thompson (1983) entendem por “proposição relacional”, ou seja, uma relação entre a contiguidade de orações ou sequências maiores do texto e o significado que emerge dessa relação. Em outras palavras, há uma relação implícita entre a informação disponível pelo usuário no texto e a combinação das partes relacionadas (DECAT, 2010).

Oliveira (2018) ilustra esse tipo de relação por meio de um conector canônico previsto nas gramáticas de língua portuguesa. Para efeitos de comparação, vejamos:

(07) Não sou a favor de fechar conselho nem acabar com as conferências, [*como muita gente está propondo*]. Temos que aperfeiçoar: coibir reeleição, fazer rotatividade, estimular os setores sociais a participarem e discutir o tamanho e a dimensão do SUS no Brasil. [Revista *Poli*, n. 1, 2008, p. 20]. Fonte: <https://www.revista.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/20-anos-do-sus-20-anos-da-constituicao-brasileira>. Acesso em 04/11/2021

O segmento conformativo em destaque (“como muita gente está propondo”) justifica o motivo de o enunciador não ser *a favor de acabar com as conferências e fechar o conselho*. Trata-se de uma estratégia semelhante à do *token* (06): além de comentar e informar a origem da proposição/pensamento (escribas e fariseus), de alguma forma justifica a inserção do conteúdo, neste caso, “noventa e nove justos que não precisam de conversão”. Neste dado (07), de modo análogo, a origem da proposição é “muita gente”, que está propondo o fechamento do conselho e o fim das conferências.

No próximo dado, temos uma construção que se afasta dos traços prototípicos da CCVE. Em (08), os verbos estão no pretérito perfeito do indicativo, e é possível perceber uma nuance conformativa evidencial amalgamada a uma focalização realizada pela clivagem. Vejamos:

(08) O que Trump quer é equilibrar a balança comercial (importações/exportações) com a China, como seja, através da importação massiva pela China de produtos agrícolas americanos. [*Foi o que Trump anunciou: ao mesmo tempo que deu indicação de que podiam ser levantadas as restrições de venda de produtos à Huawei (que não ponham em causa a segurança dos EUA, ou seja não envolve tecnologia para 5G) disse que a China ia fazer compras massivas de produtos agrícolas americanos (os chineses desmentiram)*]. Fonte: <https://pplware.sapo.pt/smartphones-tablets/dependencia-huawei-componentes-eua/>. Acesso em 04/11/2021

Trata-se de um trecho da seção de comentários de um blogue de tecnologia. Esse trecho se refere à influência do relacionamento entre China e Estados Unidos no destino da empresa Huawei. No início do dado, o período que antecede a construção analisada já apresenta uma pseudoclivada (“O que Trump quer é equilibrar...”). Com relação ao trecho destacado, que constitui nosso maior foco de atenção, observamos que a informação veiculada indica a fonte/origem do que foi enunciado (no caso, a fonte é o então presidente Donald Trump). A construção focaliza essa fonte, uma vez que é influenciada metonimicamente pela proximidade da pseudoclivada presente no período anterior. Vale destacar que, neste dado, a construção não tem sujeito posposto, diferentemente dos outros dados.

De acordo com Marques e Cezario (2015), contrariando a sequência natural do português (SUJ + V + O), verbos de elocução induzem a posposição do sujeito. Não é o que observamos no dado (08). Como sabemos, o processo de ritualização de estratégia discursivas pressiona a gramática (BYBEE, 2016). Assim, aplicando essa máxima a esse caso em especial, postulamos que a ritualização do sujeito posposto com verbos de elocução força o deslocamento do sujeito quando se deseja promover uma focalização. Nesse caso, percebemos a manutenção da posição canônica do sujeito (anteposta ao verbo), o que nos faz inferir que a conformidade evidencial está presente de certa forma, mas prevalece a função focalizadora da informação. Trata-se, assim, de um uso híbrido ou de uma sobreposição entre CCVE e CPE.

Dando continuidade aos exemplos com verbo no pretérito perfeito do indicativo, o *token* (09) indica mudança de perspectivação, verbo de percepção e novamente sujeito anteposto:

(09) Ao falar sobre a Venezuela, Trump passou a criticar o socialismo e afirmou que ao assistir debate dos pré-candidatos democratas para 2020 avaliou que o partido “se tornou o partido socialista”. “Eu ouvi um rumor de que democratas vão mudar o nome do partido para partido socialista, [foi o que eu ouvi]”, disse o americano. Fonte: <https://nominuto.com/mobile/noticias/mundo/com-bolsonaro-trump-evita-colocar-brasil-no-meio-de-guerra-comercial-com-china/187686/>. Acesso em 04/11/2021

Seguindo a categorização de Scheibman (2001), o verbo *ouvir* é perceptivo. Oliveira (2018) demonstrou que esse tipo de verbo pode aparecer em construções conformativas encabeçadas pelo conector *como*. Esses tipos verbais são encontrados em constructos com sujeitos antepostos, assim como está no dado (09). Podemos destacar ainda que, diferentemente dos outros *tokens*, em (09), a construção não está em período diferente, o que é característico das tradicionais orações subordinadas adverbiais conformativas.

Nesse dado, está em foco a eleição de 2020 à presidência dos EUA. Trump critica o partido de oposição, acreditando desqualificá-lo, ao dizer que passará a se chamar socialista. A



presença da palavra *rumor* na primeira oração, que traria descrédito à informação, projeta a necessidade de uma suposta fonte, origem. Ao reutilizar o verbo *ouvir*, Trump traz para si a garantia de confiabilidade da sua assertiva ao mesmo tempo que se exime da responsabilidade sobre o conteúdo. A perspectiva discursiva, que diz respeito à focalização de aspectos na cena (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013), é diferente da dos demais *tokens* aqui apresentados, porque neste caso não se menciona quem produziu a mensagem, mas quem a recebeu. Contudo, percebemos o traço da conformidade evidencial da construção no comentário sobre o que está dito na oração anterior. Esse é mais um uso híbrido, devido às suas particularidades.

Ao longo desta seção procuramos demonstrar que a CCVE instancia a conformidade em língua portuguesa fora de um padrão mais canônico estabelecido pelas gramáticas normativas. Além da CCVE prototípica, argumentamos que, entre os dados, encontramos tanto contextos híbridos, em que podemos detectar a focalização associada à conformidade, quanto contextos em que claramente não se percebe a presença da clivagem de modo tão óbvio, mas prevalece a função conformativa da construção.

Entre os *tokens* destacados neste artigo, os dados (04), (05) e (06) são os mais centrais da categoria CCVE, porque mais se aproximam da noção de conformidade. Eles apresentam verbo de elocução, referem-se a uma unidade informacional presente na oração anterior e encontram-se com sujeito posposto. Os dados (08) e (09) são distintos. Em (08), há um certo hibridismo. Por um lado, há um uso conformativo evidencial (que o aproximaria da CCVE) mas, em função do contexto, desempenha um forte papel focalizador (próprio da clivagem). Além disso, o sujeito está em posição canônica, antes do verbo de elocução. Por fim, o dado (09) também é marcado por hibridismo porque, apesar de não ser centralmente evidencial, é capaz de apresentar claramente a fonte da informação.

### **Considerações finais**

O objetivo deste artigo foi demonstrar que o esquema da conformidade também pode ser instanciado por meio de uma microconstrução complexa em língua portuguesa, chamada aqui de CCVE. Nesta seção cabe fazer algumas considerações finais, de modo a retomarmos os pontos principais deste texto.

Postulamos que, nos contextos em que está mais clara a conformidade, atua o processo cognitivo *chunking* (BYBEE, 2016), tendo em vista que as partes – *ser, o que, verbo de*

*elocução e sujeito* – não podem mais ter seus significados decompostos. Todos esses elementos, que formam a CCVE, passaram por um processo de neoanálise sintática e semântica, já que seus arranjos colocacionais e seus significados foram alterados no processo de recrutamento para a nova função, qual seja, a de expressar conformidade evidencial.

Isso também significa que a soma do significado das partes já não corresponde completamente ao sentido global da construção. Agora, a CCVE tem função de atribuir fonte, origem, ou fazer um comentário sobre o período anterior, como fazem as construções conformativas canônicas. Assim, o *chunking* ocorreu em função da perda de composicionalidade.

Mostramos ainda que há casos híbridos, exemplificados nos dados (08) e (09), que apresentam sobreposição de função focalizadora (típica da clivagem) e conformativa. Esses *tokens* demonstram a presença de camadas na língua, comprovando a influência de ambientes semânticos e pragmáticos na mudança (cf. TRAUGOTT, 2008). Essa diversidade de usos gradientes, por sua vez, exhibe relações de construcionalidade, visto que evidencia usos mais canônicos e concretos em convivência com usos mais híbridos e abstratos.

Sobre a produtividade, não podemos afirmar que houve aumento da frequência *token*, tendo em vista que não fizemos uma análise quantitativa da construção. Seria necessário controlar a frequência, a partir de um levantamento maior de dados. Contudo, a análise qualitativa nos permite asseverar que houve aumento de esquematicidade. Com o uso da CCVE como instanciadora de conformidade evidencial, o esquema conformativo é incrementado. Dentro do domínio da conformidade, como dissemos, detectamos dois subesquemas: o circunstancial e o evidencial. Conectores como *segundo, conforme, como* e, também, "SER + o que" funcionam, de fato, como microconstruções conformativas. A construção em análise, portanto, integra o domínio da conformidade, e, ao integrá-lo, a CCVE aumenta seu grau de esquematicidade.

No processo de construcionalização, o *mismatch* pode ser resolvido à medida que a construção se alinha a um novo esquema (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Assim, apesar de não evidenciarmos diacronicamente os micropassos de mudança, com base em dados sincrônicos, amparados no paradigma da construcionalidade gramatical (procedural), nos termos de Rosário e Lopes (2019), defendemos a plausibilidade da integração da CCVE ao grupo das construções oracionais que veiculam conformidade em português.

Novas análises ainda precisam ser feitas, a fim de ampliarmos o conhecimento acerca da conformidade, bem como as propriedades mais específicas da CCVE e sua relação com

construções aparentadas, como é o caso dos dados híbridos aqui destacados. Por ora, afirmamos que a CCVE, em algum grau, integra o esquema conformativo, sobretudo em contextos informativo-argumentativos. Cremos que essa é uma importante contribuição para a área das investigações centradas nos conectivos e na conexão de orações, já que rompemos com uma visão demasiadamente centrada nas conjunções canônicas. *É o que* demonstram os dados analisados neste artigo.

## Referências

- AZEREDO, José Carlos. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2007.
- BARRETO, Therezinha Maria Mello. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (UFBA), 1999.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009.
- BRAGA, Maria Luiza. Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista, *Matraga*, v.16, n. 24, p. 173-196, 2009.
- BRAGA, Maria Luiza; OLIVEIRA, Diego Leite & BARBOSA, Elisiene de Melo. Gradiência e variação nas construções de foco no português brasileiro. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Língua em Uso*, v. 17, p. 29-43, 2013.
- BRYMAN, Alan. Quantitative and qualitative research strategies in knowing the social world. In: MAY, Tim & WILLIAMS, Malcom (Eds.). *Knowing the social world*. Philadelphia: Open University Press. 1998.
- BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. Rev. Téc. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez Editora. 2016.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, Fapesp. 2010.
- CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press. 2001.
- DECAT, Beatriz. A hipotaxe adverbial em português: materializações e funções textual-discursivas. In: *Simpósio Mundial de Estudos em Língua Portuguesa*. Universidade de Évora. Évora, 2010, p. 113-131.
- FERNANDES, Thaís Pedretti Lofeudo Marinho. *Construções correlatas proporcionais sob a perspectiva da linguística funcional centrada no uso*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (UFF), 2017.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino & SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura & FURTADO DA CUNHA, Maria

Angelica. *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj. 2013.

GOLDBERG, Adele Eva. *Construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press. 1995.

KORTMANN, Bernd. *Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. Berlin: Mouton de Gruyter. 1997.

LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*. Volume especial, p. 83-101, 2016.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. São Paulo: Globo. 2000.

MANN, William & THOMPSON, Sandra. *Relational propositions in discourse*. Los Angeles: Information Sciences Institute of University of Southern California. 1983.

MARQUES, Priscilla Mouta & CEZARIO, Maria Maura. Estudo diacrônico da ordenação do sujeito no português. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da (Org.). *A gramática da oração: diferentes olhares*. Natal: EDUFRN. 2015.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. *Mudança Linguística: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez. 2011.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* (Org.). *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho. 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da Unesp. 2011.

OLIVEIRA, Diego Leite de. O tratamento da variação em Gramática de Construções Baseada no Uso: a propósito das construções clivadas em português brasileiro. *Diadorim*, vol. 21, n. 2, p. 62-82, 2019.

OLIVEIRA, Myllena Paiva Pinto. *Funções semântico-pragmáticas das construções conformativas oracionais: uma análise centrada no uso*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras (UFF), 2018.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva *et al.* *Gramática do português*. v. 2. Coimbra: Fundação Colouste Gulbekian. 2013.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1972.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; LOPES, Monclar Guimarães. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. *Soletras*, 37, p. 83-102, 2019.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, 60(2), p. 233-259, 2016.

SANTOS, Cassiano Luiz do Carmo. *A construcionalização do segundo, conforme e pelo que*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística (UFRJ), 2018.

SCHEIBMAN, Joanne. Local patterns of subjectivity in person and verb type in American English conversation. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul (Eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Philadelphia: John Benjamins North America. 2001.

SILVA, Anderson Godinho. *Cláusulas com noção de modos em português: um estudo funcionalista*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (UFRJ), 2011.

SPERANÇA-CRISCUOLO, Ana Carolina. *Funcionalismo e cognitivismo na sintaxe do português*. São Paulo: Editora da Unesp. 2014.

TAVARES, Maria Alice. O verbo no texto jornalístico: notícia e reportagem. *Working Papers em Linguística*, n. 1, p. 123-142, 1997.

TEIXEIRA, Ana Cláudia Machado; ROSÁRIO, Ivo da Costa. O estatuto da microconstrucionalização no quadro da mudança linguística. *Revista Linguística*, volume especial, p. 139-151, 2016.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of Degree Modifiers in English. In: REGINE, Eckardt, JÄRGER, Gerhard & VEENSTRA, Tonjes (Eds.). *Variation, selection, development: probing the evolutionary model of language change*. New York: Mouton de Gruyter. 2008.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs & TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press. 2013.

VIEIRA, Caio Aguiar; SOUSA, Valéria Viana. A arquitetura construcional do *que nem* na Língua Portuguesa: mudanças construcionais e construcionalização. *Soletras*, 37, p. 246-271, 2019.